

O CLIENTE

TOP
SEL
LER

Ela veio falar de negócios.
Ele chegou com uma missão:
reconquistá-la com toda
a sua sensualidade.

N.º 1 do *New York Times*

VI KEELAND

Mais de um milhão de livros vendidos

É preciso força para perdoar.

*Quando te apaixonas por uma mulher forte e fazes asneira,
ela irá perdoar-te... depois de dar cabo de ti.*

Um

Layla

— **D**esculpa. Esqueci-me de te telefonar. Acontece que não vou poder almoçar contigo hoje. — Suspirei e apontei para a papelada espalhada sobre a minha secretária.

— O Pittman pediu-me para fazer uma apresentação para um cliente novo.

— O Pittman velho ou o Joe?

— O velho. Bem, *pedir* não é propriamente o termo indicado. Entrou sem bater à porta, enquanto eu estava numa videochamada, forçou-me a colocar o cliente em espera, a meio de uma frase gritou «sala de reuniões da comissão executiva, às três», ou coisa parecida, e saiu. Tive de telefonar à secretária dele, a Liz, para obter os detalhes.

— Isso é ótimo. Estás finalmente a recuperar o respeito dos sócios maioritários. Eu sabia que haverias de lá chegar. — O Oliver contornou a minha secretária e beijou-me no alto da cabeça, antes de sair.

— Eu trago-te os tacos de atum fresco de que tanto gostas.

— És um espetáculo.

Eu e o Oliver Blake andávamos há um mês, embora fôssemos amigos há quase cinco anos. Ele era sócio minoritário do departamento de propriedade intelectual da minha firma de advogados e era, de facto, um espetáculo. Não era exagero meu.

Quando eu adoecera no fim de semana anterior, aparecera em minha casa com canja, e sempre que eu estava em baixo, lembrava-me de tudo o que eu tinha de bom na vida. Fora sempre o meu maior aliado, mesmo antes de termos uma relação, encorajando-me a enfrentar a tempestade ali, na Latham & Pittman, há uns anos, na altura em que eu quase fora

despedida e expulsa da Ordem. Era inteligente, atraente e tinha um excelente emprego — o homem que qualquer rapariga sonharia levar para casa e apresentar aos pais. Além disso, era absolutamente o oposto dos imbecis por quem eu me sentia geralmente atraída.

Na semana anterior, dissera-me que o seu contrato de arrendamento terminaria dentro de alguns meses e dera-me a entender que adoraria que eu o ajudasse a procurar uma casa maior, na esperança de que eu viesse a passar lá mais tempo. Enfim, um homem inteligente, atraente, com um excelente emprego... sem medo de compromissos.

Prometi a mim mesma não me esquecer de passar revista aos armários, à procura de segredos escondidos, da próxima vez que fosse ao apartamento dele, e voltei a concentrar-me na minha apresentação.

Já por diversas vezes vira os sócios maioritários fazerem apresentações a clientes, mas era a primeira vez que ia fazer uma, e o facto de ter apenas algumas horas para examinar os diapositivos e redigir as minhas próprias notas estava a incomodar-me. Isto para não dizer que a única coisa que sabia acerca da empresa de investimentos à qual ia apresentar a oferta é que era uma *startup* prestes a receber um enorme financiamento. Devia pertencer a um qualquer corretor arrogante, que decidira abandonar a sua empresa e levar consigo os maiores investidores — precisamente o tipo de cliente mais apreciado pelos sócios maioritários.

As empresas de investimento da velha guarda eram bons clientes, que nos adjudicavam regularmente revisões de contratos, elaboração de prospetos de valores imobiliários e inúmeras negociações com o SEC¹, mas a nova geração de empresas de investimento, dirigidas por *yuppies* arrogantes, acumulavam despesas judiciais como se estivessem a efetuar pagamentos com notas do Monopólio. Eram processados por assédio a empregados, discriminação, violações de contratos e fraudes financeiras. Com os diabos! Até o nosso departamento fiscal se via por vezes envolvido em problemas, pelo facto de todos aqueles miúdos se acharem mais espertos do que o Serviço de Finanças.

Algumas horas depois, quando chegou a hora de fazer a apresentação, subi de elevador até o último andar e abri as pesadas portas de vidro

¹ US Securities and Exchange Commission — Comissão de Títulos e Câmbios dos EUA [N. T.]

que davam acesso aos gabinetes dos executivos. Não trabalhava numa empresa qualquer. O meu gabinete era amplo e o mobiliário sofisticado, mas tudo no piso dos executivos cheirava a dinheiro — fortunas antigas. Balcão da receção em mogno, lustres de cristal, tapetes persas e peças de arte originais estrategicamente iluminadas.

Estava bem consciente de que não era convidada a subir àquele piso há quase dois anos, e que lá fora chamada pela última vez para justificar atitudes que originaram uma série de queixas contra mim junto da Comissão Disciplinar da Ordem dos Advogados do Estado de Nova Iorque. Havia sempre um motivo forte para nos chamarem ao último andar — que tanto podia ser bom como mau —, o que me estava a deixar ainda mais curiosa sobre a razão pela qual fora incumbida de fazer a apresentação de hoje.

A Sarah Dursh, uma das sócias maioritárias, veio ao meu encontro no corredor, no momento em que eu estava a entrar na sala de reuniões.

— Estás pronta?

— Tão pronta quanto poderia estar, tendo em conta o pouco que sei acerca do cliente.

A Sarah franziu a testa.

— O pouco que sabes acerca do cliente? O que queres dizer com isso?

— Sei o essencial, mas o prospeto da empresa ainda não estava disponível, por isso, pouco sei acerca dos principais intervenientes. Sinto-me pouco preparada.

— Mas tu já trabalhaste com o CEO. — Abanou a cabeça. — Por isso é que ele pediu explicitamente que fosses tu a fazer a apresentação.

— Ele pediu que fosse eu a fazer apresentação? Não sabia. Ele quem?

Ao chegar junto da porta de vidro da sala de reuniões da comissão executiva, vi o Archibald Pittman do lado oposto da sala, a conversar e a rir com outro homem. O tipo estava de costas para nós, por isso não consegui ver-lhe imediatamente a cara.

E também não juntei imediatamente dois mais dois quando a Sarah disse:

— Ali está ele. Chama-se Westbrook. Foi ele que pediu que fosses tu a conduzir a reunião de apresentação.

Como ia carregada com uma pilha de pastas, o portátil e um copo de meio litro de café do Starbucks, a Sarah abriu-me a porta e eu entrei à frente dela. Mal acabara de entrar na sala, quando o homem com quem o Pittman estivera a falar se virou.

Caiu-me literalmente tudo ao chão. Fiquei paralisada.

A Sarah esbarrou comigo, pois vinha mesmo atrás de mim, e as pastas escorregaram-me das mãos. Curvei-me para as apanhar, o café chocalhou dentro do copo, eu apertei-o, a tampa saltou e, quando ia apanhá-la, entornei o café na alcatifa. A única coisa que não foi parar ao chão foi o meu portátil.

Antes que conseguisse apanhar as minhas coisas e endireitar-me, senti uma mão forte a agarrar-me pelo cotovelo, para me amparar. O homem agachara-se mesmo à minha frente e eu estava embaçada a olhar para ele.

Mesmo assim, não estava a acreditar nos meus próprios olhos.

Nem sequer me ocorreu nenhuma das minhas saídas brilhantes e, de repente, ficámos de olhos pregados um no outro. A intensidade do nosso contacto deixou-me sem fôlego. Senti a pulsação acelerada. O coração martelava-me o peito. Não apanhei sequer as pastas nem o copo entornado.

Ele continuou a agarrar-me pelo cotovelo e estendeu-me a outra mão.
— É um prazer em ver-te de novo, Sardenta.

Não faço ideia de como consegui iniciar a apresentação. Já esperava sentir-me nervosa ao falar na presença do Sr. Pittman e de todos os outros sócios maioritários, mas não fazia ideia de que o Gray Westbrook iria estar de olhos pregados em mim, no extremo oposto da mesa. O homem tinha um olhar penetrante e aquele sorriso afetado estava a intimidar-me e a enfurecer-me ao mesmo tempo.

E o pior é que ele estava mais atraente do que nunca. A pele bronzeada destacava-lhe os olhos verdes, tornando-os mais penetrantes. Percebi que estava mais entroncado, e que aquele fato dispendioso, feito por medida, escondia um corpo escultural em tudo semelhante àquele queixo. O poder que emanava, sentado à cabeceira da mesa, atingiu-me

diretamente nas partes íntimas. Esquecera-me de que era possível deixar-me afetar tanto por um homem.

Tentei ignorá-lo e concentrar-me nos meus diapositivos, mas foi praticamente impossível, porque, assim que comecei, ele bombardeou-me com perguntas para me forçar a interagir com ele. A minha apresentação incluía cerca de trinta diapositivos e ele já me interrompera em, pelo menos, dez deles. A princípio, fiquei nervosa, embora as suas perguntas fossem de fácil resposta. Mas, depois de me recompor, o facto de ele estar constantemente a obrigar-me a responder-lhe começou a irritar-me.

— O nosso departamento de valores mobiliários trabalha em estreita colaboração com o SEC, a FINRA², o DOJ³ e com a Divisão de Títulos do Estado de Nova Iorque para monitorizar e...

Ele *voltou* a interromper-me.

— Quem irá liderar a minha equipa?

— Como eu ia dizer, o departamento de valores mobiliários integra um sócio maioritário que trabalhou 11 anos no Departamento de Justiça, em processos de fraude financ...

O Gray olhou para o relógio, enquanto eu estava a falar, e interrompeu-me pela vigésima vez em menos de meia hora.

— Lamento, mas tenho uma reunião do outro lado da cidade para onde tenho de ir imediatamente.

Se os olhos matassem o homem teria ficado parecido com um queijo suíço. *Mas o que raio está ele a fazer? A tentar vingar-se pela forma como a nossa relação terminou?*

Eu cruzei os braços sobre o peito.

— Será que não deixámos perfeitamente claro que a nossa apresentação levaria, pelo menos, uma hora?

Embora eu não desviasse os olhos do Gray, senti várias cabeças a virarem-se na minha direção. Os sócios maioritários deviam estar à beira de um ataque cardíaco.

Mas eu não quis saber.

O lábio do Gray estremeceu. O *imbecil* estava a divertir-se com aquilo.

² Financial Industry Regulatory Authority — Autoridade Reguladora da Indústria Financeira. [N. T.]

³ Department of Justice — Departamento de Justiça. [N. T.]

— De início, reservámos-lhe uma hora, mas surgiu um assunto urgente, que exige a minha atenção imediata.

— A sério? E quando é que surgiu?

— *Layla* — advertiu o Sr. Pittman, coibindo-se de acrescentar «já chega», o que não foi preciso. O tom de voz dele dizia tudo.

Depois, desviou a sua atenção para o Gray.

— Lamento, Sr. Westbrook. É claro que entendemos que tem muito que fazer. Talvez possamos reagendar a reunião. Terei o maior prazer em fazer-lhe o resto da apresentação e responder a todas as suas perguntas.

O Gray levantou-se e abotoou o casaco do fato.

— Não vai ser necessário.

O Sr. Pittman começou a falar, mas o Gray dirigiu-se unicamente a mim, do outro lado da mesa:

— Talvez a *Layla* a possa terminar hoje à noite, ao jantar.

Eu franzi os olhos.

— Tenho um compromisso com um cliente antes.

Os olhos do Pittman iam-lhe saltando das órbitas.

— Eu tratarei do que tiver para fazer esta noite, *Layla*. Vai terminar a apresentação ao Sr. Westbrook durante o jantar.

Aquilo não era um pedido, era uma ordem do chefão, e eu já abusara demasiado da minha sorte, por isso fiquei de bico calado e olhei furiosa para o Gray.

Todos os sócios apertaram a mão ao potencial cliente e ficaram a conversar descontraidamente com ele. Eu não tencionava deslocar-me à outra ponta da mesa. Por isso, guardei o portátil e reuni as minhas pastas para me manter ocupada, rezando para que o *Sr. Westbrook* desaparecesse.

Mas não tive sorte nenhuma.

O Gray aproximou-se e estendeu-me a mão.

— Dra. Hutton.

Eu olhei por cima do ombro do Gray e percebi que os meus patrões estavam a observar a nossa interação, por isso estendi-lhe a mão, e ele aproveitou para me puxar para junto de si. Senti a sua respiração quente no pescoço, enquanto me sussurrava ao ouvido:

— Podes fingir-te de zangada à vontade, mas não é isso que o teu corpo me está a transmitir. Estás tão feliz por me ver como eu a ti.

Eu puxei a cabeça atrás, indignada.

— Estás louco.

Ele baixou os olhos para o meu peito. Os meus mamilos pareciam prestes a furar-me a blusa fina, *os traidores*.

O Gray dirigiu-me um sorriso de esguelha.

— No Logan's, às sete. Eu trato da reserva e mando um carro para te buscar.

— Eu encontro-me lá contigo.

Ele abanou a cabeça e riu-se.

— Já tinha saudades dessa tua arrogância, Sardenta.

Ótimo, porque vais lidar com ela muito mais vezes.

É claro que a única a chegar a horas fui eu. Olhei para o meu telemóvel. Sete e dez. Concluí que as regras da universidade se aplicavam e decidi dar-lhe mais cinco minutos para aparecer, antes de abandonar o local e considerar que ele faltara ao encontro.

— Posso servir-lhe uma bebida enquanto espera pelo resto do grupo? — perguntou-me o empregado.

Normalmente, esperaria para ver o que o cliente queria e beberia o mesmo do que ele, mas naquela noite essa norma não se aplicava.

Massajei o pescoço tenso.

— Uma *vodka* com sumo de arando, por favor.

Esperava que a bebida me acalmasse os nervos e me aliviasse parte da tensão nos maxilares, antes de ficar com uma valente dor de cabeça. Peguei no telemóvel e comecei a percorrer os emails, para me distrair, enquanto esperava pela minha bebida e pela minha companhia para jantar.

Ao ouvir a voz do Gray atrás de mim, virei bruscamente a cabeça.

— Lamento o atraso.

Senti palpitações inesperadas no coração e fiz um esforço por combater a sensação de excitação.

— Ah, sim? A avaliar pelo número incontável de vezes que me interrompeste hoje, fiquei com a sensação de que não tens qualquer espécie de maneiras.

Ele ignorou por completo o meu comentário e sentou-se do lado oposto da mesa.

— O trânsito para o centro da cidade é terrível a esta hora. Da próxima vez, jantamos em minha casa.

— Não vai haver próxima vez.

Ele prendeu-me o olhar com um sorriso convencido.

— Claro que vai. Vai haver muito mais vezes e tu acabarás por parar de fingir que não aprecias a minha companhia.

Detestava que o meu corpo reagisse à sua presença. Desde o início que me parecia difícil aplacar aquela química louca que existia entre nós.

Eu suspirei.

— O que estás a fazer, Gray? Porque vieste à minha firma?

Ele pegou no guardanapo de pano e estendeu-o sobre o colo.

— Não é óbvio? Preciso de um novo representante legal.

— Um representante legal da minha firma? E preferes que seja um associado a representar-te em vez do patrão do meu chefe, o responsável pelo nosso departamento de valores mobiliários, ou até mesmo o Pittman, que te guiaria de bom grado pela mão e te daria todo o aconselhamento jurídico necessário, com os seus 50 e muitos anos de experiência?

— A lealdade é importante para mim. Quero alguém a quem possa confiar o meu negócio.

— E concluíste que essa pessoa sou *eu*? Uma associada com cinco anos de experiência, que acabou de se livrar de um inquérito da Ordem dos Advogados por violação de confidencialidade entre advogado e cliente?

O empregado chegou com a minha bebida.

— Aqui tem, minha senhora. — Virou-se para o Gray. — Deseja tomar alguma coisa, ou prefere esperar até que a terceira pessoa do grupo chegue?

— Somos só nós os dois. Quero um *Macallan* sem gelo, por favor.

— É para já. — O empregado contornou a mesa e começou a levantar a louça do terceiro lugar, mas eu estendi a mão para o impedir de o fazer.

— Na verdade, está uma terceira pessoa a chegar, por isso pode deixar a mesa posta.

— Muito bem — disse ele com um aceno de cabeça.

Assim que percebeu que o empregado já não nos podia ouvir, disse:

— Eu não convidei mais ninguém para jantar.

Eu dei um gole na minha bebida e dirigi-lhe um sorriso meloso.

— Mas convidei eu. Achei que um cliente importante como tu deveria ter mais do que um advogado presente para responder às suas perguntas.

Assim que pousei o copo, vi a pessoa de quem estava à espera a entrar no restaurante. Ele esquadrinhou a sala à minha procura, por isso eu levantei a mão e acenei-lhe.

— Na hora H. Ali está o Oliver.

O Gray olhou de relance para o homem que vinha ao nosso encontro e voltou a olhar para mim, mas em vez de ficar irritado, parecia divertido, o *estupor*.

— Que engraçado. Tens tanto medo de te descontrolares na minha presença que até arranjaste um pau de cabeleira.

Dois

Gray

— Então, você é o patrão da Layla? — perguntei eu, bebendo um generoso gole da bebida que o empregado acabara de me trazer.

— Não, não sou o patrão dela. Na verdade, estou no departamento de propriedade intelectual, mas sou sócio minoritário da Latham & Pittman. Trabalho na firma há 15 anos e estou em condições de responder a praticamente todas as suas questões.

Eu só queria que o emplastro que se sentara entre mim e a Layla desaparecesse.

— Está a insinuar que a Layla não está em condições de responder a todas as minhas questões?

— De maneira nenhuma.

— Então, porque está aqui?

O cabeça de alfinete olhou para a Layla, à espera de resposta.

— Fui eu que o convidei — disse ela. — Como lhe disse, achei que deveria dispor de mais do que um advogado para responder às suas perguntas, uma vez que é um cliente importante para a firma.

— Mas achou mal. — Virei-me de novo para o Oliver. — Pode-se ir embora. Estou certo de que a Layla saberá responder a todas as minhas questões.

A Layla falou de dentes cerrados, mas conseguiu manter um tom de voz moderado:

— O Oliver já aqui está e é uma mais-valia. Estou certa de que vai acabar por perceber isso até ao final do jantar.

O empregado apareceu com as ementas.

Eu resmunguei para comigo mesmo:

— Não me parece.

Depois de pedirmos o jantar, o pau de cabeleira da Layla pediu licença para ir à casa de banho.

Assim que percebi que ele já não nos podia ouvir, disse:

— Nós precisamos de conversar a sós, Layla. Manda-o dar uma curva.

— O quê? Nem pensar!

Eu levantei-me.

— Está bem. Então, trato eu do assunto.

Ignorei os guinchos da Layla e segui o Sócio Minoritário até à casa de banho. O Cabeça de Alfinete estava no urinol. Pelos vistos, não era só a cabeça que lembrava um alfinete. Parei junto dele e levei a mão ao bolso. Retirei dez notas de cem dólares da minha carteira bem recheada, esperei até que ele apertasse a braguilha e estendi-lhe o dinheiro.

— Não quer ir jantar a outro sítio? Fica por minha conta.

O Cabeça de Alfinete baixou os olhos para o dinheiro, voltou a olhar para mim e encaminhou-se para os lavatórios. Eu esperei enquanto ele lavava as mãos.

Quando terminou, encostou-se ao lavatório e cruzou os braços sobre o peito.

— Presumo que esta seja uma conversa de homem para homem e não entre um advogado da Latham & Pittman e um potencial cliente, certo?

— É claro que é uma conversa de homem para homem — disse eu, com aceno de cabeça.

Ele sorriu.

— Ótimo. Nesse caso, devo dizer-lhe que está a perder o seu tempo, caso esteja interessado na Dra. Hutton.

— Então porquê?

— Por três motivos. Primeiro: a Layla jamais sairia com um cliente. Segundo: investiguei os seus antecedentes. É possível que você renda bastante dinheiro à firma enquanto cliente, mas é também um ex-condenado. E terceiro: ela é minha namorada.

Senti a pulsação a acelerar. Não estava a contar com aquela última parte, mas se ele achava que eu me deixaria assustar por isso, ia ter

uma desagradável surpresa. Eu acabara de cumprir três anos de prisão. Mesmo que o tipo me parecesse minimamente assustador — que não era o caso — jamais me deixaria intimidar por ele.

Por isso, sorri e pousei-lhe uma mão sobre o ombro.

— Vou ser honesto consigo, falando de homem para homem, claro. Nenhum desses *três motivos* me parece impeditivo.

O *Namorado* revelou, pelo menos, ter cabecinha suficiente para perceber a dica, pois ficou de bico calado durante grande parte do jantar, permitindo que a Layla conduzisse a conversa, e eu deixei-a falar sobre a firma, que já sabia que ia contratar, sem a interromper, ao contrário do que acontecera nessa tarde. Estava-me absolutamente nas tintas para as velhas carcaças que iam zelar pela satisfação das minhas necessidades. Por outro lado, estar ali sentado naquela pequena mesa; ver a Layla mover os lábios enquanto falava; olhar para aquele rosto ligeiramente salpicado de sardas, que ela fazia o possível por disfarçar; e demorar os olhos nos seus lábios carnudos sempre que ela estava a reparar nisso e o Cabeça de Alfinete não, assumiu os contornos de um divertido jogo:

Obrigá-la a remexer-se na cadeira.

Há mais de um ano que eu não a via e ela estava ainda mais bonita, se é que isso era possível. O cabelo escuro estava mais comprido e ela começara a deixá-lo naturalmente ondulado, em vez de o alisar completamente, como fazia há um ano. Ao olhar para ela, lembrei-me de que era assim que imaginava que o seu cabelo liso ficaria, depois de fodermos selvaticamente durante horas.

Essa tornara-se uma fantasia recorrente depois de ela cortar relações comigo, e preencher-me a mente em muitas noites solitárias.

Esta noite, os seus lábios carnudos estavam pintados de vermelho-vivo. O lábio superior afundava-se num pequeno V ao centro, que me apetecia percorrer com a língua, e o seu pescoço longo e feminino parecia pedir que o chupassem e mordessem. Mas o verdadeiro assombro eram os olhos. Tinham uma tonalidade clara, azul-esverdeada, e eu sabia em primeira mão que escureciam quando ela estava excitada.

— Você está a ouvir o que eu estou a dizer? — disse a Layla, piscando os olhos duas vezes.

Merda. De facto, não ouvira nada do que ela dissera.

— É claro que estou.

Ela inclinou-se para a frente e baixou a voz.

— Então, o que acabei eu de dizer?

Com os diabos. Também fica com os olhos mais escuros quando está irritada. Não via a hora de a foder irritada, para ver o efeito.

— Estava a falar da firma.

Ela perscrutou-me o olhar e franziu os olhos.

— Esqueça. Aliás, esta noite, só eu é que tenho falado. Diga-me, Sr. *Westbrook*, que tipo de serviços pretende da firma? Esta tarde falou em interpor recurso para recuperar a sua licença do SEC para o seu novo negócio, mas eu não faço ideia de quais são os seus planos, visto que você estava demasiado ocupado para nos conceder *uma hora inteira*.

O Cabeça de Alfinete olhou sucessivamente para um e para outro e eu percebi que ele não sabia o que pensar da atitude da Layla. Não me interpretem mal: tenho a certeza de que estava a gostar, uma vez que eu tentara suborná-lo sem sucesso, mas fiquei com a impressão de que ele não sabia da história entre mim e a Layla, por isso decidi testar essa teoria.

— A sua cara não me é estranha, Oliver, mas não estou a conseguir perceber de onde. Já alguma vez foi à Penitenciária Federal de Otisville?

Era a primeira vez que me dirigia diretamente a ele, depois do episódio na casa de banho.

— Eu? Não, nunca lá fui. — Olhou para a Layla. — Não foi lá que estiveste a dar aquele curso sobre recursos em causa própria para prisioneiros, durante algum tempo?

— Sim — respondeu ela, dirigindo-me o que me pareceu ser um olhar de advertência.

Era óbvio que o Oliver era bom a matemática, pois juntou dois mais dois num abrir e fechar de olhos.

— Foi lá que cumpriu a sua pena?

Eu levei a minha bebida aos lábios e sorri.

— Foi.

Ele olhou para a sua adorada namorada, depois para mim, e voltou a olhar para ela.

— Vocês já se tinham cruzado antes?

E a namorada mentiu-lhe descaradamente:

— Não.

Ganhei o dia com aquela resposta e dirigi o meu primeiro sorriso genuíno ao Oliver. Cheguei a rezear que o Cabeça de Alfinete compromettesse a minha capacidade de avaliar se a Layla teria interesse em tentar resolver as coisas comigo, mas aquela mentira revelou-me muito mais do que ela própria estaria disposta a admitir.

Não se mente sem razão, a menos que se sofra de uma patologia qualquer. E só há uma razão para se mentir sobre outro homem ao namorado: evitar que ele fique com ciúmes. O que queria dizer que ele tinha razões para os sentir.

Eu arqueei uma sobrancelha e sorri afetadamente à Layla. Ela franziu o sobrolho e os seus olhos escureceram ainda mais.

— Porque não nos informa sobre as suas necessidades jurídicas, Sr. Westbrook? — disse ela. — Que tipo de negócio está a iniciar?

— Uma empresa de investimentos de risco. Tencionamos focar-nos em investimentos na área da tecnologia e das comunicações. Por isso preciso de alguém que pesquise sobre os requisitos de licenciamento de potenciais investimentos, que trate dos acordos de compra, que elabore acordos de empréstimos e que se certifique de que não estamos a envolver-nos com vigaristas.

— Essa última parte é interessante — disse a Layla, bebendo um gole da sua bebida. — Tenciona requerer a renovação da sua licença de venda de valores mobiliários?

— Sim, mas não para já. Por agora, gostaria de me concentrar na minha nova empresa, enquanto trato de algumas coisas que poderão ajudar a melhorar o meu requerimento com vista ao licenciamento.

— As probabilidades da FINRA lhe voltar a conceder a licença de venda de valores mobiliários, depois de uma condenação, são francamente diminutas, sabe disso? — disse a Layla. — A inibição automática é de dez anos.

— Tecnicamente, eu não fui condenado, pois aceitei um acordo judicial em vez de arriscar ir a julgamento. Na altura, considerei-o um mal menor.

— Aos olhos da lei, aceitar um acordo judicial é o equivalente a uma condenação.

— Eu entendo as consequências de se aceitar um acordo judicial. Contudo, li que é possível obter uma autorização especial para o licenciamento, não obstante o facto de haver uma inibição.

— As normas dizem que pode, mas não é fácil. Nós requeremos várias e nenhuma foi aprovada.

— Nesse caso, antevejo bastantes experiências *inéditas* entre nós, no futuro. — Ergui o copo na direção dela.

Depois do jantar, saímos e dirigimo-nos os três ao valete. Eu vasculhei calmamente no bolso, à procura do canhoto do bilhete que me permitiria levantar o meu carro. Felizmente, o primeiro carro a chegar foi o do Oliver e atrás dele parou outro carro que não era meu nem da Layla, o que queria dizer que ele não ia poder ali ficar.

Ele tentou empatar, provavelmente na esperança de que o carro da Layla aparecesse, para não nos deixar sozinhos, mas o carro não chegou.

Ao ver um casal entrar no carro que estava atrás do dele, ergui o queixo na direção deste.

— Parece que está a impedir a passagem a um carro que quer sair.

Ele olhou para a Layla e voltou a olhar para mim.

Eu sorri e disse-lhe:

— Não se preocupe. Eu assegurar-me-ei de que ela entra no carro em segurança.

Se estivesse no lugar dele, jamais deixaria a minha mulher à porta de um restaurante com um ex-condenado que já deixara claro que o interesse que tinha nela não era apenas profissional, quer este fosse um importante potencial cliente ou não.

Embora parecesse dividido, o Oliver acabou por tomar a decisão menos própria de um homem.

— Vemo-nos amanhã no escritório. — Apertou o ombro à Layla e depois estendeu-me a mão. *Que aperto de mão mais chocho... meu maricas.*

— Foi um prazer conhecê-lo. Espero que escolha a Latham & Pittman. Eu respondi-lhe com um firme aperto de mão.

— Boa noite.

Eu e a Layla ficámos em silêncio, a ver o intrometido afastar-se.

— O Oliver é meu namorado — disse ela, em tom de advertência.

— Eu sei. Ele disse-me isso nos lavabos quando eu tentei suborná-lo para que fosse dar uma curva. A propósito: belo beijo de despedida.

Os olhos dela incendiaram-se.

— *Parece impossível.* Meu Deus, és mesmo um sacana!

Eu baixei os olhos para os lábios dela.

— Já tinha saudades dessa língua perversa. — *E não vejo a hora de a chupar.* É claro que tinha cabecinha suficiente para perceber que não era a altura ideal para o dizer.

— És maluco. Despedir-se de mim com um beijo, em frente a um cliente, teria sido uma absoluta falta de profissionalismo, embora não me surpreenda que *tu* não percebas isso.

— Maluco é o teu namorado, que acabou de se ir embora e deixou a mulher dele com um homem que lhe expressou claramente o seu interesse por ela. E já que estamos a falar nisso, eu não queria saber se estava a ser profissional ou não, mas marcaria o meu território.

A Layla levou as mãos à cintura.

— Ele *confia em mim.* E tu, és algum cão? *Marcar território?* Também mijas nas bocas de incêndio?

— Ele confia em ti? Deve ser por isso que não se apercebeu da tua mentira, quando lhe disseste que nunca nos tínhamos encontrado antes.

Dei um passo em frente e invadi o seu espaço pessoal, mas ela em vez de recuar inclinou a cabeça para olhar para mim. Adorei que se recusasse a arredar pé.

— Não há motivo para ele saber da nossa relação. Sabes porquê? Porque nunca houve relação nenhuma.

— Convence-te do que quiseres.

— Meu Deus. És tão arrogante.

Eu afaguei-lhe o cabelo.

— O teu cabelo está diferente. Gosto dele ondulado como está agora. É sexy. Mas voltaste a disfarçar essas lindas sardas no nariz.

Ela afastou-me a mão com uma palmada.

— Estás a ouvir o que eu estou a dizer?

— Sim. Ele confia em ti. Nunca tivemos uma relação. Eu sou um sacana arrogante.

Ela rosnou-me, o que achei absolutamente adorável.

— As suas chaves, senhora.

Nenhum de nós dera pela chegada do carro dela, nem pelo valete a agitar as chaves debaixo do nosso nariz.

A Layla tirou-lhe as chaves da mão, encaminhou-se para o carro e o valete correu atrás dela, para lhe abrir a porta. Ela ia a entrar mas depois parou, espreitou sobre o tejadilho e disse:

— Contrata outra firma, Gray. Se pensas que vai acontecer alguma coisa entre nós, *estás redondamente enganado*.

Três

Layla

— São tão lindas!
A Becca, a rececionista que era também minha amiga e companheira frequente de almoço, entrou no meu gabinete com um grande ramo de rosas amarelas — uma dúzia delas, talvez —, pousou-as em cima da secretária e suspirou.

— Quem me dera encontrar um tipo como o Oliver. O homem é doido por ti.

Eu sorri, embora seriamente incomodada pela sensação de que as flores poderiam não ser dele. Deus queira que estivesse enganada.

— Almoçamos hoje? — perguntou ela.

— Com certeza. Por volta da uma hora?

— Eu ligo-te a essa hora, senão só vais sair para apanhar ar quando estiver escuro lá fora.

Ela tinha razão. Eu tinha por hábito atirar-me a um projeto e perder a noção das horas.

A Becca estava a sair do meu gabinete quando o Oliver entrou.

— Não tens um irmão, Oliver? — gracejou ela.

Ele sorriu, mas depois desviou os olhos para o enorme ramo de flores pousado em cima da minha secretária e o sorriso brincalhão desapareceu.

Merda. Não foi *ele* que as mandou.

— Algum admirador secreto com quem deva preocupar-me?

— Hum... a Becca acabou de as trazer. Julgava que tinhas sido tu a enviá-las.

Ele abanou a cabeça.

— Quem me dera ter sido.

Embora eu e o Oliver estivéssemos juntos há um mês, nunca tínhamos tido a *tal conversa*. Basicamente, achámos que não era necessário, já que nenhum de nós tinha *tempo* para sair com mais ninguém. Almoçávamos juntos quando podíamos, mas só tínhamos saído oficialmente juntos uma meia dúzia de vezes, em quatro semanas. Ambos trabalhávamos dez horas por dia, seis dias por semana, por isso nunca me dei ao trabalho de pensar se o Oliver sairia com outras mulheres e, pelos vistos, ele também não colocara essa hipótese em relação a mim, *até agora*.

Não perguntou nada, mas ficou ali parado, à espera, olhando de vez em quando para o envelope agrafado ao papel transparente do ramo de flores, e a coisa começou a tornar-se desconfortável.

Eu desejei em silêncio que o telefone tocasse, mas é claro que não tocou. Por fim, arranquei o cartão enquanto pensava em como lidar com a situação caso as flores fossem, de facto, do Gray. O Oliver observou-me enquanto eu tirava o pequeno cartão do envelope cor-de-rosa.

Depois de o ler, forcei um daqueles sorrisos falsos de sala de audiências.

— São da minha amiga. Ajudei-a em algumas questões jurídicas e ela enviou-mas para me agradecer.

O Oliver parecia aliviado. Dobrei o cartão na palma da mão que já estava a ficar suada.

— O que te traz ao piso da ralé, afinal? — perguntei-lhe eu. — Vieste ver como vive o resto do mundo?

O gabinete do Oliver ficava dois andares acima do meu. Fora recentemente remodelado e, embora o meu andar fosse agradável para uma firma de advogados, o dele era de um luxo imaculado.

— Pensei em dar-te os bons-dias e falar-te da conversinha que tive ontem à noite com o nosso potencial cliente.

Merda. Estava a enredar-me em mentiras e todas elas tinham que ver com o Gray Westbrook. Nem sequer sabia bem por que motivo armara aquela confusão, fingindo que não o conhecia, mas as mentiras sucediam-se.

— Ah, sim? — Teoricamente, fingir que não sabia que o Gray tentara afastá-lo nos lavabos não era uma mentira, mas sim uma omissão, embora me parecesse errado, independentemente daquilo que lhe chamasse.

— Ele quer mais do que aconselhamento jurídico de ti. O canalha achou que me convencia a ir dar uma volta antes do jantar, com um maço de notas.

— E tu, o que lhe disseste?

— Disse-lhe que tu jamais sairias com um cliente ou com um ex-condenado.

— Estou a ver...

— Seja como for, esta foi a primeira apresentação de que os sócios maioritários te encarregaram e eu sei que seria bom conseguires o cliente, ainda que o meu lado egoísta alimente a esperança de que ele se decida por outra firma, para não andar a atirar-se a ti.

— Eu sei cuidar de mim.

— Eu sei que sabes. É uma das coisas que acho sensuais em ti. Tens mais coragem do que a maioria dos homens que conheço. Mas este tipo acabou de sair da prisão.

— Saiu de uma prisão federal por abuso de informação privilegiada. Não é propriamente um violador.

— Certo, mas incomoda-me a ideia de estares próxima de um tipo sem moral nem ética.

— Se eu não passasse tempo com gente sem moral nem ética, teria muito poucos clientes. Tu sabes que eu trabalho na área de valores mobiliários da firma, e não no primoroso departamento de propriedade intelectual, como tu.

— É triste, mas é verdade — disse o Oliver, com um sorriso. — Tenho de me despachar. Preciso de me preparar para uma reunião que tenho às dez horas. Jantamos esta semana?

— Claro. Parece-me bem.

Pedi ao Oliver que fechasse a porta quando saísse, fingindo que ia ter uma videochamada logo a seguir. Assim que fiquei sozinha, recostei-me na cadeira, abri o cartão amarrotado que tinha na mão e voltei a lê-lo.

Sardenta,

Senti a tua falta. Arrisca. Dá-me uma segunda oportunidade.

Beijo,

Gray

Tudo o que aquele homem fizera nas últimas 24 horas incomodara-me. Aparecer inesperadamente na minha firma e pedir que fosse eu a fazer a apresentação; exigir perante os sócios que eu fosse jantar com ele — um jantar em que fora indelicado com o Oliver e me forçara a mentir, dizendo que não o conhecia — e ainda ter a lata de me mandar flores. Mas o que me estava realmente a incomodar... era sentir borboletas no estômago sempre que ele estava por perto.

O ar estava impregnado do perfume das rosas. Embora eu não tivesse retirado o papel nem o vaso da base protetora de cartão, um perfume floral e adocicado pairava pelo meu gabinete, e eu dei comigo a olhar pensativamente para o arranjo de flores, por mais do que uma vez. Dispersara-me ao tentar acabar de ler uma oferta de compra de ações. Passara a manhã inteira e mais três horas depois do almoço a tentar acabar de rever o raio da oferta, que deveria ter despachado numa hora.

Já exasperada, tirei bruscamente os óculos, atirei-os para cima da secretária e recostei-me na cadeira, olhando furiosa para as malditas rosas, ao canto da secretária.

— Vocês são muito parecidas com ele, sabem? Aí todas bonitas e cheirosas — Perdera definitivamente o juízo, para estar a falar com um ramo de rosas por abrir. — Bastará render-me aos vossos encantos para me picar num espinho.

Era evidente que não ia conseguir trabalhar com as malditas flores a provocarem-me em cima da secretária. Suspirei longamente, levantei-me, peguei no ramo de flores, aproximei-me do cesto dos papéis e deitei fora 200 dólares de rosas.

Talvez fosse um gesto simbólico ou eu estivesse *maluquinha de todo*, o certo é que consegui concentrar-me depois disso. Em menos de meia hora consegui, finalmente, terminar aquilo em que estava a trabalhar e fui ter com a minha assistente jurídica para que passasse as minhas notas manuscritas para o computador.

Regressara ao gabinete e estava a vasculhar o meu armário de pastas, quando alguém bateu na minha porta aberta. Levantei os olhos, vi o Velho Pittman à entrada e fechei o armário.

— Em que lhe posso ser útil, Sr. Pittman?

Em dois dias, era a segunda vez que ele descia da sua torre de marfim para falar comigo. Fosse o que fosse que viesse pedir-me, devia ter que ver com um certo potencial cliente. Ocorreu-me, pela primeira vez, que o golpe que desferira no ego do Gray poderia tê-lo levado a denegrir-me junto dos meus patrões. Eu não sobreviveria naquela firma se os sócios maioritários pensassem que eu sabotara intencionalmente as negociações com um grande potencial cliente, pois só há muito pouco tempo começara a pisar terreno mais firme, na sequência da minha suspensão.

— Achámos que devíamos dar-lhe a boa notícia, Layla. — O Pittman esboçou um dos seus raros sorrisos.

— A boa notícia?

— Sim.

Ele deu alguns passos para o interior do meu gabinete e eu percebi, pela primeira vez, que ele não vinha sozinho. O Gray entrou como se aquilo fosse tudo dele, e dirigiu-me um sorriso malicioso.

O Pittman apontou para ele.

— O Sr. Westbrook acabou de assinar contrato connosco. Disse que você foi bastante persuasiva durante o jantar.

Eu fiz por ignorar a tontura que senti.

— Ah, mas... mas que excelente notícia.

O Pittman deu umas palmadas nas costas do Gray.

— Tomou a decisão certa. Aqui a Layla vai cuidar muito bem de si.

Os olhos do estupor brilharam.

— Estou a contar com isso.

— Bem, vou deixar-vos conversar — disse o Pittman, olhando para mim. — Eu sei que vai precisar de quem a substitua no depoimento do Barag. Vou pedir ao Charles que o faça. O Sr. Westbrook é um cliente VIP, portanto teremos de fazer alguns ajustes para que você possa estar disponível quando ele precisar de si.

— O depoimento do Barag é amanhã.

— Não se preocupe. Se o Charles não conseguir reunir toda a informação, nós reagendamo-lo. A viagem do Sr. Westbrook é prioritária.

— Viagem?

— Você vai acompanhá-lo a Greensboro.

Eu fiquei em silêncio, com um sorriso estudado, até fechar a porta ao Pittman. O homem ia com cífrões nos olhos, sem se aperceber de que a minha vontade era estrangular o VIP.

Cruzei os braços sobre o peito, virei-me para o Gray e disse-lhe furiosa:

— Que raio de jogo é este?

— O quê? Eu preciso de um novo advogado.

— Julguei ter deixado bem claro, ontem à noite, que não estava interessada em representar-te, quando te disse para *contratares outra firma*. Que parte dessa afirmação te pareceu vaga?

— Eu sou um bom cliente. A tua firma valoriza-te pelo facto de teres conseguido o negócio e isso é bom para ti.

Eu empinei o queixo, numa postura desafiadora.

— Tu não fazes ideia do que é bom para mim. *Tu* não és bom para mim.

Ele veio ao meu encontro e eu contive a respiração. Todos os meus terminais nervosos se incendiaram, apesar de ele não me estar a tocar, mas estava fora de questão recuar ou dar-lhe a entender o efeito que tinha sobre mim.

Ele invadiu o meu espaço pessoal.

Contava que ele me pusesse em ordem com o seu tom de voz gutural e intimidante, mas ele apanhou-me desprevenida, falando-me num tom brando.

— Desculpa ter-te mentido, Layla.

Eu endurecera em relação àquele homem. Não conseguia ser branda.

— O que aconteceu há mais de um ano foi um erro — disse eu. — E não estou a referir-me à tua mentira. O erro foi envolver-me contigo.

A única indicação de que sofrera o embate foi um ligeiro estremecimento dos olhos.

— Temos de estar em Greensboro ao meio-dia para eu me reunir com os meus novos sócios — disse ele. — É preferível ter o teu contributo enquanto os termos da sociedade estão a ser negociados, para que possamos limar todas as arestas antes de redigires o acordo.

O pedido em si não era estranho. Eu já acompanhara clientes em negociações de constituição de sociedade. O que não era normal era o facto de eu estar basicamente encurralada. Sem dúvida que o Gray tinha

plena consciência da situação difícil em que me colocara. Se eu fosse ter com os sócios agora e me recusasse a trabalhar com o novo cliente, teria de lhes dar uma explicação.

Mas o que iria eu dizer-lhes? *Lembram-se de quando tive de prestar serviços pro bono, como parte das minhas sanções por violar a confidencialidade entre advogado e cliente, na altura em que quase me despediram? Bem, é que enquanto estava a cumprir o meu castigo numa prisão masculina, conheci o Grayson Westbrook e apaixonei-me por ele. Às vezes, escapávamo-nos para os corredores da biblioteca, para nos beijarmos. Tudo correu lindamente até ele me mentir. Como é que é? Achar que eu já devia saber que isso ia acontecer? Mas como podia eu saber que não era boa ideia envolver-me com um prisioneiro a cumprir pena por abuso de informação privilegiada?*

Dirigi-lhe um olhar irritado.

— Vou pedir à minha assistente que prepare a viagem e te mande tudo por e-mail.

Um sorriso surgiu-lhe lentamente no rosto atraente. A minha vontade era desfazer-lhe a cara à bofetada.

— Ótimo. Diz-lhe que eu prefiro o Langham.

— O hotel? Julgava que a reunião era ao meio-dia.

— E é. Mas alguns dos investidores vêm de fora da cidade e também terão de viajar de avião. Estão a contar com um jantar.

— Então, janta com eles. Não precisas de mim para isso.

— A discussão do negócio prosseguirá ao jantar.

Eu endireitei os ombros.

— Então, tomas notas e informas-me se algo mudar, depois da *verdadeira* reunião de negócios que decorrerá durante o dia. Eu regressarei num voo ao final da tarde.

Para minha surpresa, o Gray assentiu. Acenou com a cabeça, deu um passo atrás e estendeu-me a mão.

— É um prazer tê-la na minha equipa, doutora.

Eu baixei os olhos para a mão dele, e uma imagem que não recordava há muito tempo surgiu-me diante dos olhos. Da primeira vez que ele me beijara, aninhara-me o rosto entre as mãos e eu quase me derretera. Incomodava-me que isso me estivesse a deixar vulnerável e até com receio de lhe tocar. O melhor seria não deixar dominar-me pelo passado.

Estendi-lhe a mão, esperando não tremer, e senti um choque elétrico. Foi como meter o dedo numa tomada. Puxei bruscamente a mão para trás e contornei-o na direção da minha secretária.

— Manda-me o nome dos sócios por e-mail, para eu fazer uma pesquisa rápida com o SEC e o nosso investigador.

— Não é necessário.

Já com a secretária a servir de barreira entre mim e ele, ergui uma pasta e concentrei-me nela enquanto falava.

— Vamos lá ver se nos entendemos. Se eu sou tua advogada, as coisas terão de ser feitas à minha maneira e com a investigação que se impõe.

Não levantei os olhos, mas senti humor na sua voz.

— Sim, senhora.

— Deixa o teu contacto à minha assistente, quando saíres. Desejo-te um bom-dia.

Instantes depois, ouvi a porta a abrir-se, por isso arrisquei levantar os olhos. É claro que dei com o Gray à espera de que eu lhe desse atenção. Ele apontou os olhos para o caixote do lixo cheio de rosas.

— És alérgica?

Eu não consegui conter um sorriso afetado.

— Sim. É isso mesmo.

O Gray franziu o canto dos olhos e piscou-me o olho.

— Para a próxima, mando-te doces.

— Para a próxima, manda-os à tua mulher.

Quatro

Layla

Dois anos antes

— Vai ter de mudar de sapatos.
— Mudar de sapatos? — Baixei os olhos para os pés. As sandálias vermelhas de tiras pouco tinham que ver com o meu fato clássico de advogada, mas como era obrigada a trabalhar ali aos sábados, precisava de algo que me ajudasse a sentir humana. Além disso, não me pareciam desadequados ao ponto de ter de calçar outros. Voltei a olhar para a guarda prisional.

— Que mal têm os meus sapatos?

— Não é permitido usar sapatos abertos numa prisão federal.

Deves estar a brincar comigo.

— Ninguém me informou disso. Conduzi quatro horas desde as cinco da manhã, para aqui chegar. É o meu primeiro dia de voluntariado.

Ela dirigiu-me um sorriso afetado.

— O que fez você?

— O que fiz eu?

— Os advogados que se *oferecem* para fazer voluntariado aqui, aos fins de semana, não costumam ser realmente voluntários.

— Ah, não?

A guarda prisional arqueou uma sobrancelha. Estava à espera de uma resposta concreta.

Eu suspirei.

— Tenho de fazer 200 horas de serviço comunitário por violação de confidencialidade entre advogado e cliente.

Ela assobiou.

— Fazer 200 horas? O castigo aqui é mais simples.

— Ah, sim? O que acontece se alguém se meter em sarilhos aqui?

— Os bufos sofrem as consequências.

Bestial. Era só o que me faltava.

Ela devolveu-me a identificação.

— Então, tem outro par de sapatos ou não?

— Não. Há alguma loja aqui perto, onde eu possa comprar um par sapatos de salto alto ou coisa parecida?

— Se seguir pela estrada, há um supermercado Walmart a uns 30 quilómetros.

Eu olhei para o relógio de pulso.

— Mas eu tenho de começar a dar aula daqui a meia hora.

— Então, é melhor despachar-se.

Eu estava no interior de uma prisão. A sala de visitas não era propriamente como aquelas que se veem na televisão, em que o visitante fica de um lado, por trás de um grosso vidro laminado, e ambos os interlocutores têm de pegar num telefone para se ouvirem, era antes como numa prisão real, onde os reclusos podiam circular livremente. Ao contrário da prisão de alta segurança vizinha, o complexo da prisão de segurança mínima de Otisville, onde eu iria dar aulas todos os sábados dos meses seguintes, assemelhava-se um pouco a uma universidade. O perímetro das instalações não estava vedado e os reclusos não viviam sequer em celas fechadas. Em vez disso, estavam alojados em salas tipo dormitório e tinham cacifos. Se eu não soubesse que estava a entrar numa prisão, nem sequer teria prestado atenção aos homens que por ali circulavam descontraidamente, vestidos com calças caqui e camisa abotoada à frente. Muitos deles passariam por professores. Uma boa parte deles eram homens de meia-idade, de aparência aprumada e ar de quem vivera anteriormente num andar de luxo.

— Quantas pessoas estão aqui alojadas? — perguntei eu ao guarda que me conduziu à biblioteca.

— Varia de dia para dia, mas normalmente são pouco mais de cem.

Entrámos por uma porta e percorremos um longo corredor com janelas. Os homens que vi no exterior estavam sorridentes e pareciam estar a divertir-se.

— Aquilo é... um campo de jogo de *boccia*⁴?

Ele riu-se baixinho.

— É. O campo de basebol é melhor do que o do liceu do meu filho. Não é por acaso que chamam a estas prisões Club Fed.

O local era bem mais agradável do que eu esperava, mas a biblioteca... a biblioteca era um espanto. Duas dúzias de prateleiras com mais livros do que a biblioteca pública local, que eu costumava frequentar na minha juventude. Havia mesas compridas, com cadeiras de madeira, que me lembravam aquelas em que eu ficava sentada até altas horas da noite, na Faculdade de Direito. Havia um vidro a separar a biblioteca de uma grande sala de aula com um computador em cada secretária.

— Jesus — disse eu, olhando em redor.

— Não estava a contar com isto, pois não?

— De maneira nenhuma.

O guarda apontou para a sala de aula.

— A biblioteca permanecerá vedada a todos os que não estejam inscritos nas suas aulas, por isso tanto poderá usar a sala de aula como a biblioteca. Creio que há 14 homens inscritos nas aulas que começam hoje, sem contar com o Westbrook, portanto terá bastante espaço de manobra.

— O Westbrook?

— É ele que coordena todas as aulas que vão decorrer agora.

— Ah, está bem.

— Por falar no diabo. — O guarda ergueu o queixo. — Aí vem o bonitão residente.

Eu virei-me e vi um homem alto, de cabelo escuro, vir ao nosso encontro. Vinha acompanhado de outro homem e manteve-se de cabeça baixa até chegar à entrada da biblioteca. Quando levantou a cabeça, senti um pequeno tropeço no coração. «Bonitão» era um eufemismo. O homem era lindo. Lindo de morrer. A avaliar pelo tipo de feições rudes, morenas e másculas, devia ser extremamente arrogante e convencido. A minha grande fraqueza.

⁴ Modalidade desportiva semelhante à petanca francesa. [N. T.]

Sim. É decididamente convencido.

Afinal, talvez o meu castigo não fosse assim tão mau.

O guarda apresentou-nos.

— Westbrook, esta é a Layla Hutton. Vai dar aulas sobre recursos em causa própria aos prisioneiros.

Ele estendeu-me a mão com aceno de cabeça.

— Grayson Westbrook. Prazer em conhecê-la. Aqui, os guardas tratam toda a gente pelo apelido. Os civis tratam-me por Gray. — Olhou-me rapidamente de cima a baixo. — Vou ter de ficar bem perto de si. Muitos destes homens não veem uma mulher assim tão bonita há... — Abanou a cabeça. — Caramba. Creio que a maioria nunca deve ter visto ninguém como você.

O guarda riu-se baixinho.

— Pois. E é por isso que tu vais estar perto dela, Westbrook — disse ele, virando-se, depois, para mim. — Como lhe disse, esta é uma prisão de segurança mínima. Não há portas trancadas. Os prisioneiros regem-se, basicamente, por um código de honra. Não há criminosos violentos aqui. Se decidem ir-se embora, acabam por voltar a ser presos e deixam de poder ser hóspedes destas agradáveis instalações. Importa-se que eu a deixe um pouco sozinha aqui com o Casanova, enquanto como qualquer coisa? Temos pouco pessoal e costumamos deixar os advogados e os prestadores de serviços regulares sozinhos, desde que eles se sintam confortáveis com isso. — Apontou para as câmaras nas paredes e no teto. — Estaremos sempre de olho em si. Bastará gritar. Além disso, a porta de entrada ficará trancada, visto que a biblioteca permanecerá fechada durante o dia de hoje.

— Hum... claro que não. — Eu até estava bastante nervosa, embora parte desse nervosismo me tivesse passado quando o belo coordenador voltou a mostrar-me as covinhas.

Depois de o guarda se afastar, o Gray conduziu-me à sala de aulas contígua.

— Então... tocou-lhe a si a sorte de trabalhar *pro bono*, na sua firma, ou meteu-se em sarilhos e isto é parte do castigo?

Creio que quase nenhum advogado se disporia a viajar de carro até ao sítio onde Judas perdeu as botas para ensinar criminosos condenados a defender os seus próprios casos por amor à camisola.

— Foi castigo e hoje é o primeiro dia da minha pena.

— Podia ser pior. Podia estar presa em vez de ser obrigada a trabalhar aqui durante algum tempo.

— Lá isso é verdade.

— O que fez para se meter em sarilhos?

— Não sabe que é má educação perguntar a uma mulher que idade tem, quanto pesa ou por que razão ia sendo expulsa da Ordem?

Ele sorriu (e tinha de parar de o fazer, meu Deus!)

— Desculpe.

— Não tem importância.

Ele ligou o portátil que estava na parte da frente da sala.

— Temos wi-fi, mas é limitado. Se precisar de um site que não esteja acessível, diga-me que eu dou-lhe acesso.

— OK. Ótimo.

— A aula só começa daqui a cerca de duas horas. Eu vou ficar algum tempo ali ao lado, na biblioteca, para que você se possa instalar. Se precisar de alguma coisa, é só bater no vidro.

Passei a meia hora seguinte a certificar-me de que tinha acesso às fontes de pesquisa que iria passar em revista na minha primeira apresentação e depois verifiquei os diapositivos que preparara.

O Gray sentara-se numa cadeira na biblioteca e estava a ler um livro, com uns óculos que não estava a usar antes. Deviam ser óculos de leitura. Eu preparara exaustivamente a aula que ia dar hoje (como de costume), por isso tinha tempo de sobra. Além disso... estava curiosa para ver de perto como ficava o Adónis de óculos. Por isso, decidi ir para o lado da biblioteca.

— Com que então... *Areias Movediças*.

O Gray estava absorvido no livro e não me ouvira entrar.

— É ficção ou não-ficção? — perguntei eu.

Ele levantou os olhos. Os óculos quadrados de aros grossos ficavam-lhe a matar, pelo menos do meu ponto de vista. O seu formato angular parecia complementar aquele queixo quadrado. Ele tirou-os e eu dei comigo a pensar se gostava mais de o ver com eles ou sem eles enquanto ele falava.

— Não-ficção. São as memórias do autor, depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro nos pulmões. Uma retrospectiva de vida que fez enquanto ainda cá estava.

Gray tem apenas um objetivo para este negócio: derreter o meu coração até me ter de volta!

Era uma típica segunda-feira de trabalho e o meu patrão pediu-me para convencer um novo cliente a escolher a nossa firma de advogados. Como eu precisava de agradar aos sócios-gerentes, abri o meu melhor sorriso e fui conhecer este empresário todo-poderoso. Mas nada me tinha preparado para o que iria encontrar na sala de reuniões. Ao ver quem lá estava, derramei o café, deixei cair a papelada ao chão e quase perdi o equilíbrio. E essa foi a parte boa do meu dia! Porque este homem deslumbrante – que me olhava como se quisesse comer-me viva – era nada mais nada menos do que Gray Westbrook, o meu ex-namorado e potencial cliente.

Tentei assumir uma postura profissional, mas, no final da nossa reunião, ele aproximou-se de mim, com o olhar de desejo que me era tão familiar, e sussurrou-me ao ouvido com toda a sensualidade.

Confiante e carismático, Gray já sabe o que quer, e julga que, ao forçar-me a trabalhar com ele, poderá voltar a entrar no meu coração depois de o ter partido.

Mas eu não lhe vou dar mais nenhuma oportunidade, muito menos agora que estou prestes a ser sua advogada...

Então, porque é que todo o meu corpo se acende quando ele me olha?

Não perca os
outros romances
da mesma autora!



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-739-7 9 789896 687397 Romance Erótico
------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------